



3 1761 07048247 6

PQ

9261

C297P7



AUGUSTO CASIMIRO

# RIMAVERA DE DEUS

EDIÇÃO DA  
"RENASCENÇA PORTUGUESA,"  
PORTO





200.

Direitos reservados

PRIMAVERA DE DEUS

## DO AUTOR

Para a Vida, 1906.

A Victória do Homem, 1910.

A Tentação do Mar, 1911.

O Elogio da Primavera, 1912 (Fóra do Mercado).

A Evocação da Vida, 1912.

A Primeira Nau, 1912.

À Catalunha, 1914.

AUGUSTO CASIMIRO

---

# PRIMAVERA DE DEUS

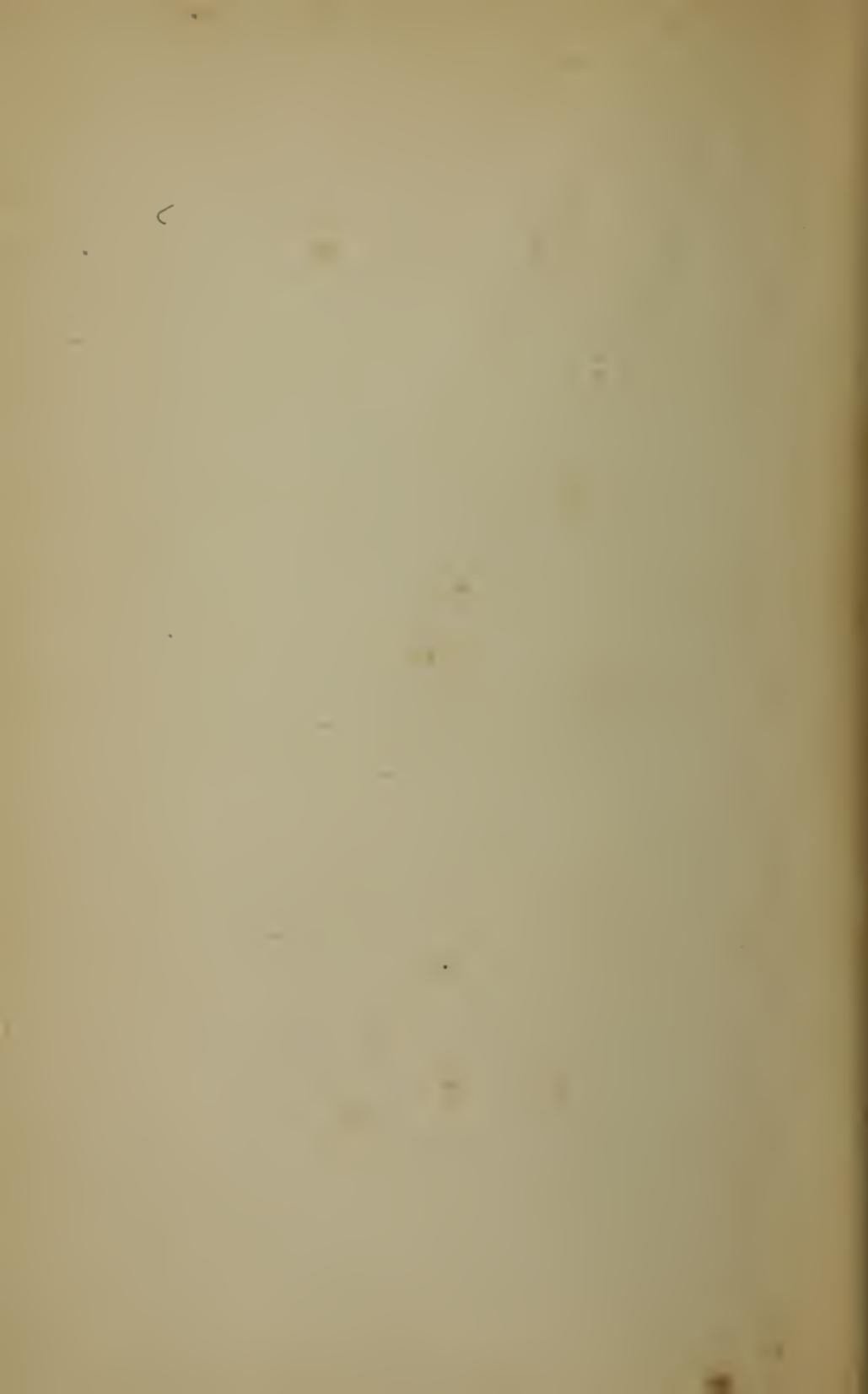


EDIÇÃO DA  
« RENASCENÇA PORTUGUESA »  
PORTO

PQ  
9261  
C297 P7



A minha Mulher  
e á minha Mãe...



## PRIMAVERA DE DEUS

PRIMEIRA vez que os olhos meus rezaram,  
Abranjendo o horizonte, o céu, o espaço,  
E em meu olhar extático passaram  
As coisas, num fraterno, unjido abraço ;

Primeiro verso traduzindo a minha  
Ancia indomável de Beleza e côr,  
E primeira emoção, a que adivinha,  
Em tudo quanto existe, igual Amôr ;

Primeira eterna hora admirável  
Em que eu senti meu coração vibrando  
Com as coisas, num ritmo inefável,  
—Névoa, pedra a sonhar, fonte chorando . . .

Primeira vez que os braços meus cingiram  
Um tronco viridente, ou a emoção  
De que meus olhos tristes se cobriram,  
Como abraçasse o próprio coração ;

E a vez primeira em que na minha frente,  
Na minha alma simples, repousou,  
— Como oração de névoa sobre um monte, —  
A consciência clara do que sou ;

Primeiro dia iniciado e puro,  
— Todas as almas teem alvoradas —  
Em que senti as coisas, de mãos dadas,  
Caminharei comigo para o Futuro ;

Primeira vez em que um sentir profundo,  
N'um delírio sagrado, adivinhou  
Um invisível, transcendente mundo,  
— E o silêncio e os mistérios escutou ;

...Alma-fraterna que me disse tudo  
E me ensinou a olhar e a perceber  
A emoção deslumbrada, o sentir mudo  
De rocha ou tronco, ou de alvorada ou sêr :

Primeira vez em que caí de giolhos,  
— Postas as mãos, a luz do sol no olhar —  
Bebendo a luz divina pelos olhos,  
Sentindo a sêde espiritual de amar;

Primeira vez em que chorei de encanto,  
Primeira elevação religiosa  
Da minha alma, enternecida, anciosa,  
A pressentir em mim o heroi, o santo;

Quando, vivendo em mim profunda a vida,  
Em minh'alma vestida de esplendor,  
Senti a própria alma renascida,  
A aleluia, a anunciação do Amor;

Primeira vez em que na minha Arte,  
Nos meus versos, — Amor, — eu te senti,  
— Foi um passo que dei a procurar-te,  
— Primeiro passo na ascensão p'ra ti!

... Como alguém que subisse a grande altura  
E aos poucos fôsse p'ra tocar os céus...  
— Que as almas sobem pela formosura,  
— Ao Monsalvato onde floresce Deus.

— Deslumbramentos, emoção, bondade,  
Foram degraus nesta ascensão de Amor,  
E as lagrimas — que toda a claridade,  
— Toda a Vitória é ganha pela Dôr...

Há quanto tempo estava à tua espera?  
Que saudosa emoção de uma outra vida,  
Me ensinava a esperar a Primavera,  
Sentindo a Primavera em mim florida?

Olha, irmãsinha: — como a flor existe  
Na semente que sonha, a germinar,  
E a alegria maior num olhar triste,  
— Porque ser triste é um modo de chorar;

Como o som no cristal, anciosamente,  
Espera que o libertem, e o granito  
Sonha a libertação em luz ardente,  
Na instantanea visão dum infinito;

— Assim Amor, — a tua formosura  
Desde o Principio vive em minha vida,  
E em ti floresce a minha vida pura,  
Em perfeição e harmonia unjida...

Assim já noutras vidas pressentimos  
Esta Vida-Maior que hoje vivemos,  
Já neste Amor outras paizagens vimos,  
E outras dores puríssimas sofremos . . .

Já nos beijamos em crepúsc'los de oiro,  
Nos confundimos num etéreo abraço!  
— Fomos joias, — Amor —, de igual tesoiro,  
— Fomos luz e visão no mesmo espaço!

Fomos seiva num tronco aureolado  
Em luz de névoa, em bênção de arrebol,  
E o nosso Amor andou transfigurado,  
Em beijos de oiro, em luz fecunda, em sol!

Tudo palpita em nós, tudo rodeia  
O nosso Amor, — tudo êste Amor nos diz!  
— E se quero cinjir a própria ideia,  
— Nem eu compreendo como sou feliz!

Coimbra, janeiro de 1910.



## JOCONDA

### I

**E**SSA que deve ser silenciosa  
Como um perfume embriagante e raro,  
Doce — como a tristeza vagarosa,  
Alegre — como o azul do ceu mais claro . . .

Essa que é toda Amor, sendo incerteza,  
Toda luz e misterio e graça e alma,  
— Forma florida e vaga de Beleza,  
— Num sorriso divino — e triste e calma . . .

Essa que eu adivinho e, vaga, ondeia,  
Pela minha emoção, na minha ideia,  
No meu Amor, na minha Arte e em mim;

Talvez seja — quem sabe? — a reflectida,  
Infinita saudade d'outra Vida  
Mais perfeita do que esta e d'onde eu vim!

## II

E talvez seja a sombra iluminada  
Pelo meu sonho e pelo meu Amor...  
— Ou apenas desejo, um sonho ou nada —  
— Nada — que é tudo, e desespero e Dôr...

Mas porque a sinto e a quero? — porque a vejo  
Constantemente em mim, risonha, amiga,  
Sorrindo eternamente ao meu desejo  
Triste e saudoso d'uma posse antiga?

Em que vidas passadas nos amamos,  
Se em seus olhos saudosos recordamos  
O amor, o encanto, o abraço que passou?

Porque a tenho eu em mim como a Beleza,  
Escrava e dona em uma torre preza,  
Que me liberta a alma e a escravizou?

## LAGOS AO LUAR

**S**OB o luar argenteo os lagos quêdos  
Sonham como os alventes nenufáres,  
E, á hora dos fantasmas e dos medos,  
Erguem-se doces, musicaes cantares.

Sob o luar argenteo, á flôr dos lagos,  
Andam corpos perfeitos, numa ronda,  
Corpos que envolve, em lânguidos afagos,  
Da lua cheia a argentea, a clara onda ...

Corpos de ondina ... Os troncos debruçados  
Tremem na agua, espiritualizados,  
Suaves como um som que se morreu ...

— Meu coração é um lago assim sonhando,  
Sob a caricia de um luar mais brando,  
Sob a pureza dum mais claro ceu ...

1909.

## DA VIDA GLORIOSA...

**N**UVEM que sóbe e ao Sol se tonaliza  
Numa orquestral de inesperadas côres,  
Chama distante envolta em resplendôres  
Que irrompe e se ergue, e em luz se diviniza;

Emoção creadora e deslumbrada,  
Enternecidos extases de Artista,  
— Labios que beijam, piedosa vista  
Em que a Vida é rezada e é beijada;

Gestos dominadôres triunfando,  
Vastos silencios, fundos, ecoando  
Uma longinqua, indefinida voz,

— Tudo o que vive e sonha e luta e canta,  
— Tudo no Amor palpita e se levanta,  
— Em resplendor e gloria, — sobre nós!

## QUANDO AS FLÔRES VOLTAM...

### I

**B**RUMAS ao longe... Sementeiras feitas...  
Névoa sobre os pinhaes, de mãos erguidas...  
E as sementeiras falam de colheitas,  
Nas terras, a sonhar, germinam vidas...

Olho a paisagem com meus olhos vagos,  
Ondeantes de névoa... E rézo, e scismo...  
Ergue-se a alma em candidos afagos  
Como névoas á beira dum abismo.

Olho e sonho — no meu deslumbramento  
Extasiado... E perco-me, sentindo,  
Numa ascensão p'ra Deus, meu sentimento  
Em oração de névoa ao ceu subindo...

Em mim mesmo renasce o antigo culto.  
Em minh'alma, na doce claridade,  
Passa o inefavel, piedoso vulto,  
De uma oculta e distante divindade...

E em mim, sobre a paisagem reflectida  
Em meu Amor, num comovido abraço,  
Sinto Deus na emoção da minha vida  
E a minha vida enflora todo o espaço...

Minha alma sonha, ondeia na paisagem,  
É silencio e perfume e névoa, assim  
Como tudo o que eu sinto é pura imagem  
Do meu perfeito Amor rezando em mim.

Sinto a piedosa, a intima bondade  
Das coisas ao redor, numa ascensão,  
E o coração da Terra é claridade  
A iluminar de Amor meu coração...

## II

Nesta piedade que me exalta e é  
Piedade nas coisas, luz nos ceus,  
E Beleza e Amor, visão e fé,  
E comoção e pranto, — eu sinto Deus!...

Ergue-se em minha alma revelando  
Num momento de assombro a sua essencia,  
E deslumbra e comove, dilatando  
A alma além das trevas da apparencia...

Eu sinto Deus em mim, sentindo a alma  
Harmoniosa e intima de tudo...  
— Erguem-se cantos sobre a Terra calma,  
— Extatico de Amor sonha o céu mudo...

Sinto Deus e sorrio... Em meu sorrir  
Entreabre a alma as pétalas do pranto,  
E na visão de Amor do meu sentir  
Tudo é divino e amoroso e santo...

\*

Destas alturas onde o ceu é perto  
E a nossa alma quasi toca o ceu...  
Viste a paisagem como um livro aberto  
Porque a divina graça a ti desceu!

E a tua voz de prece, enternecida,  
Que tem silencias p'ra dizer melhor  
A Beleza indizível desta Vida,  
E os sagrados misterios deste Amor;

Tua voz piedosa, em oração,  
Disse o que teu sentir melhor sentia,  
E os olhos da tua comoção  
Viram melhor que a tua vista via...

Porisso, Amor, a tua Alma agora,  
Torna mais claro o meu olhar e, assim,  
Numa visão diáfana de aurora,  
Cái a divina graça sobre mim.

### III

O caminho do Amor! Que bom caminho!  
A que alturas suprêmas nos eleva,  
Que bom olhar no olhar do mais ceguinho,  
Que diluvios de luz na maior treva!

Sentir o Ceu levando-te nos braços,  
E as lagrimas nos olhos, e a ternura  
Da tua Alma a florir nossos abraços,  
E o meu pranto a florir em formosura! . . .

\*

Meu Amor e meu Deus! — Visão perfeita  
Do nosso Amor em Corpo florescia!  
— Alma livre da forma que a sugeita,  
— Forma a vivêr mais elevada Vida! . . .

Se olho os teus olhos fico-me scismando . . .  
E o meu scismar é névoa que se exala  
Da tua Alma, em teu olhar rezando,  
E a sorrir e a rezar na tua fala . . .

Névoa que mostra Deus e que deslumbra  
Meu sêr divino escravo da aparência,  
Dôce luz de ternura e de penumbra,  
E de Amor, de visão e transcendencia . . .

\*

És bela, meu Amor, porque te vejo  
Com meus intimos olhos deslumbrados,  
Não com meus olhos cêgos de desejo,  
A' ilusão e aparência acostumados!

És bela, meu Amor! Tua Beleza  
Vejo-a sentindo tua Alma, assim  
Como sinto perfeita a Natureza  
Animizada, emocionada em mim! . . .

Como pólen voando sobre ramos  
Numa cegueira, procurando a flôr,  
Assim nós, meu Amor, nos procurámos,  
Nos encontrámos pelo mesmo Amor!

Quero-te como o Sol adora ás flores,  
E a madrugada ao Sol, e a noite ao dia,  
Como a alegria triste quer ás dôres,  
E o pranto que sorri quer á alegria! . . .

— Quero-te, meu Amor, porque te amava  
Bem antes do momento em que te vi,  
Por este Amor que em mim se levantava  
Desde o princípio, em oração, p'ra ti! . . .

Amo-te, meu Amor, como a luz ama  
O seio imenso e rútilo dos ceus!  
— Amo-te como a Alma, a névoa, a chama,  
E a luz e o Bem e o Amor se amam em Deus! . . .

Março, — 1910.



## MEU LAR

L Á fóra o vento, em galopadas loucas,  
Passa, num desespero, a sibilar . . .  
—E, juntinhos os três, calam-se as bôcas  
P'ra a tua Alma nos poder falar . . .

E assim ficámos a sorrir, — mãesinha . . .  
(—O vento grita pela noite além—)  
E a tua Alma, abençoando a minha,  
Vejo-a sorrir no olhar de minha Mãe . . .

No meu lar tudo está á tua espera.  
—Não te demores, irmãsinha, quando  
Tudo em nós canta a Vida e a Primavera!

Vem, meu Amor, — atende esta ternura, —  
—Esta fonte purissima cantando—  
E junto á fonte, — Amor — tanta segura! . . .

## NOITE ALTA

**E**SCUTO no silencio... Vou boiando...  
No seu profundo seio... E aos meus ouvidos  
Chega o arfar misterioso e brando  
De infinitos, translúcidos ruidos...

E escuto... Á flôr da noite espessa e funda  
Abrem-se largas, silenciosas ondas  
Dum fantastico mar que a noite inunda,  
Em espiraes de sonho, em vagas rondas...

Sinto perto de mim a tua Vida  
E a tua Alma luminosa, erguida  
Ao ceu, na luz celeste das visões...

E a mesma sêde têmos... E assim vamos,  
Através do silencio em que sonhamos,  
No silencio escutando os corações...

## FLÔR DE MISTERIO

(Maria de Castro)

**D**IVINA flor da Arvore da Vida,  
O Amor inunda as almas de perfume...  
— Primavera de noite amanhecida,  
— Alvorecer de piedoso lume...

Alto sonhar da Árvore que eleva  
A nebulosa copa aos altos ceus,  
A clarear de Amor a espessa treva,  
Abrindo o nosso olhar á luz de Deus...  
Árvor' de Dôr, astral, erguendo os ramos  
Em alturas que a névoa nos esconde,  
E enraizada... (...Em vão interrogamos  
A alma, a noite, o Universo...) — aonde?

Póde-se lá saber? Falam profetas,  
Beijam-se labios, num desejo etéreo,

E, no silencio extático, os poetas  
Perdem o olhar profundo no misterio...  
De noite, a alma escuta, atenta á beira  
De si propria, do abismo... Dentro de agua  
Palpitam as estrellas á maneira  
De olhos piedosos, húmidos de magua...  
E ouve-se a voz longinqua... — Sem cansaço  
Os longes de agua cantam, embalando...  
— E ala-se a alma, em sonho, pelo espaço,  
— Ouve-se alguém, dentro de nós, rezando...

Á beira da alma o espirito é ceguinho,  
É pequeno de mais... — Póde lá vêr!...  
— Vêr a alma é rezar devagarinho,  
— Postas as mãos, — chorar sem o saber...

Aza de vôo, sonho, amor, candura,  
E devoção e enternecida prece,  
Vôam pr'a Deus... — Somente a formosura  
Fica na alma e em lagrimas floresce...

E o espirito é cego... E não escuta  
O que dizem as lagrimas... E, em vão,  
Á beira da Alma, com fervor perscruta  
O largo oceano, a vasta imensidão...

Pode-se lá saber? ... — Às vezes, quando,  
Abraçadinho a mim, sinto que choras,  
E os meus olhos nos teus vêem, chorando,  
Esplendores de lagrimas, — auroras ;  
Quando te tenho sobre o meu regaço  
E tu me chamas, a sorrir : — «Mãesinha» —,  
Ou quando, brandamente, num abraço,  
A tua alma de Amor se abraça á minha ;  
Quando tu, meu Amor, devagarinho  
Beijas meus olhos e a cantar me embalas,  
E no silencio em flôr do teu carinho  
Eu oiço musicaes, divinas falas ;  
Quando, meu Santo Amor, quando me dizes,  
Com devoção — e choras — versos teus,  
— Somos tamanhos, somos tam felizes  
— Em nosso amor, que nos sentimos Deus !

Porque será que um beijo nos deslumbra  
E nos deixa quietinhos, a escutar,  
— A vêr clarões suaves na penumbra,  
Adivinhando um íntimo luar ? ...

Porque será que tu me abraças tanto,  
E me acarinhas como a tua Mãe,  
E tens os olhos húmidos de pranto,  
— Se te julgas feliz como ninguem ? ...

Porque choras e dizes que o Universo  
É pequeno demais p'ra tanto Amor,  
— Se tu resumes tudo num só verso,  
— Se um beijo teu é a imensidade em flor

— Póde-se lá saber?...

Eu sei que existo

Porque te adoro!... — E nada mais eu sei...

## OCEANO-AMOR

(Maria de Castro)

**M**EU Amor:—Eu estava á tua espera . . .  
Eras tu, meu Amor,—quem eu sonhava  
Quando, sósinha e triste, perguntava  
A mim propria e a Deus p'ra que nascera . . .

Eras tu o meu sonho . . . Ah, quem me dera  
Poder dizer, contar como te amava,  
E a minha alma em flôr te adivinhava,  
—Ó meu Amor, meu Sol de Primavera! . . .

—Podes vir . . . Podes vir que eu não receio  
Guardar-te em minha alma e no meu seio,  
Lançar-me ao vasto, ao infinito Mar! . . .

. . . Creio em ti! — Creio em Deus porque te adoro!  
—Vem, meu Amor, que as lagrimas que eu choro  
—São um modo diverso de cantar!

## SONETO

(Maria de Castro)

AH! não ser eu o ar que respirasses,  
A luz que o teu olhar anima e exalta,  
E não ser o tesoiro em que encontrasses  
Toda a Beleza e gloria que me falta! . . .

Não ser eu o teu sangue, a tua vida  
Harmoniosa e clara palpitando,  
Tanto em ti me perdendo e abandonando  
Que toda em ti ficasse absorvida! . . .

Não ser eu a serena melodia  
Que floresce na calma, na alegria  
Da tua sêde virginal de amar! . . .

Ah! não ter mais que um desespêro mudo,  
No desespêro de te dizer tudo,  
De me dar toda, toda, sem me poder dar!

1911.

## VERSOS PARA MINHA MÃE

O UÇO-A chorar... E escrevo... E estes versos,  
Como sobem as lagrimas sentidas,  
Sobem ao meu espirito, dispersos,  
Como nuvens de magua doloridas...

E tanto aquele choro em mim suspende  
O seu manto de névoas e de magua,  
Que da minh'alma aos olhos meus ascende  
Aquele dôr de Mãe refeita em água...

Sofreu por mim... Dormi no seu regaço...  
Nas penumbras piedosas, ao Sol Posto,  
Se eu erguia os meus olhos para o espaço  
Caía-me o seu pranto sobre o rosto...

\*

Andei sempre ao seu peito aconchegado,  
Aprendi a sentir-lhe o coração,  
E aquel' bater dorido, soluçado,  
Ensinou-me a sofrêr com devoção.

Por maus caminhos todos eriçados  
De tojos, pedregulhos e de abrolhos,  
Passámos a sorrir, extasiados,  
Sentindo só as lágrimas nos olhos.

Minha Mãe!... Sustentou-me de carinho,  
Ensinou-me a chorar, deu-me a ventura  
De me julgar feliz conchegadinho  
No seu doce regaço de amargura!

Minha Mãe!... Fonte doce onde eu bebi  
Esta bondosa e íntima humildade,  
— Claro sol de ternura em que aprendi  
— A amar e a ser humilde com bondade...

Foi ela quem teceu por suas mãos  
A minha alma ingénua e pequenina...  
— E eu já chamava aos pobres meus irmãos,  
— E chorando invejava a sua sina...

Levou-me passo a passo pela vida,  
No seu regaço ou pela sua mão,  
Por uma encosta toda florescida  
Na amargura do nosso coração...

Como névoa florindo todo o espaço  
Se levanta e lá vai por sobre o val',  
Minh'alma ergueu o vôo do seu regaço,  
— Pequenina e sedenta de ideal...

E eu fui crescendo em corpo e alma assim  
Como um arbusto cresce em corpo e flôr,  
E foi-se erguendo o Amôr dentro de mim,  
Como a visão de Deus dentro do Amôr!...

\*

\*      \*

Por ti minh'alma sonha, adormecida  
No regaço do Amor. — Por ti presinto  
A eterna voz esfingica da Vida  
Em mim, como num denso labirinto...

Por ti deliro e vejo, por ti clamo,  
Em meu delirio, as vozes de profeta,  
— Por teu ventre fecundo vivo e amo,  
— E por teu sofrimento sou Poeta...

Por ti abri meus olhos á luz pura  
E aprendi a rezar, e na amargura  
Do teu pranto avistei o maior Bem.

Não me perdes, Mãesinha. Eu amo nela  
O que a meus olhos te tornou tam bela,  
— Não me perdes, não chores, minha Mãe!

\*

\*      \*

Dize as palavras d'ôces revelando  
O teu Amôr de Mãe ao meu Amôr,  
Diz' como o amas, dize-m'ô chorando,  
E a sorrir, a embalar a tua dôr...

Somos juntos de ti... No meu olhar  
O olhar dela reza-te, Mãesinha,  
Fala-me dela e dize, a soluçar,  
A tua voz que chora e acarinha...

Tu não me perdes não!... Vê este pranto,  
Olha as minhas mãos postas, Mãe, — e agora  
Deixa-me assim ficar no teu regaço...

Deixa abraçar-te. Vá, não chores tanto...  
Que é alma dela que na minha chora,  
Que é Ela, minha Mãe, que em ti abraço!...

Março, 1910.



## A CANÇÃO DA NOITINHA

**D**EIXA-TE estar assim . . . Fala devagarinho,  
Olha os meus olhos, meu Amor!  
Reza a oração ideal do teu carinho,  
O' meu Amor, assim . . . Fala devagarinho,  
Como um perfume de alma em flôr . . .

Deixa-me as tuas mãos... Quero-as assim, nas minhas,  
Como dois lírios de pureza alvorescente . . .  
Mãos de carícias, mãos de beijos, mãos purinhas,  
Geladas mãos reaes dum coração ardente!

Canta-me aquela voz que se diz junto aos berços . . .  
Visões do ceu, sonhos de Deus, beijos dispersos,  
Lgrimas, Sol, luar . . .

E abraça-me, assim . . . naquele jeito  
Envolvente, divino, que as mães têm . . .  
Aconchega-me bem sobre o teu peito,  
Meu Amor, minha Mãe!

O silencio lá vem do Oriente da Alma  
Como um vôo de pomba, a pairar, a descer . . .  
O' mãos de Santa acarinhando a minha alma,  
O' voz de mãe junto dum filho a adormecer . . .

Deixa-te estar assim . . . Não fales, não? Parece  
Vamos a flutuar num celeste esplendor . . .

Olha, em frente de nós; um anjo que se esquece  
A contemplar-nos, extasiado! — o nosso Amor!

Deixa-te estar assim . . . Em que mundo vivemos?  
E estas azas, Amor, quem foi que no-las deu?  
E estes olhos, se já tam claramente vemos?  
E esta Vida Maior se a outra já morreu?

## LÁGRIMAS

### I

**N**O mais profundo de mim mesmo existe  
Um lonjinho oceano transcendente,  
Que ao sol do Amor, em névoa, de repente,  
Se transfigura e exalta e me põe triste.

E porque a formosura só consiste  
No Amor erguendo á alma ingénuamente,  
—Névoa de Amor que aos olhos meus subiste,  
—Nunca cesse o teu vôo eternamente . . .

Névoa de luz profunda ao céu erguida,  
Névoa de Deus iluminando a Vida,  
—Ei-la em meus olhos roxos de chorar . . .

E quem me dera a mim poder sentir-te  
Continuamente,—ó Alma, e pøssuir-te  
A dilatar-me em lágrimas o olhar . . .

## II

Meu Amor:—se eu pudesse dizer bem,  
—Tal como sinto em mim—, devagarinho,  
Toda a ternura, todo o meu carinho,  
Em palavras suavíssimas de Mãe;

Ah! meu Amor, se conseguisse alguém  
Cantar o luminoso, o ideal caminho  
Que vão seguindo as almas de mansinho,  
Extasiadas, pelos ceus além;

Se,—mergulhando os olhos no profundo  
Oceano da Alma, em Deus,—ao Mundo  
Pudéssemos contar quanto avistámos,

Talvez, ó meu Amor, com singeleza,  
Eu pudesse dizer toda a Beleza  
Das lágrimas de Amor que ambos chorámos . . .

Coimbra, 1910.

## BERÇO DO AMOR

**T**ODO o Amor, toda a febre de Beleza,  
Que nos irmana e exalta e nos domina,  
Toda a serena e cândida pureza  
Desta Vida infinita e pequenina;

Toda a amargura doce de tristeza,  
E esta magua de Amor que nos ensina  
O caminho de Deus, e a grandeza  
Duma Ventura altíssima e divina;

Toda esta inquieta e ávida ternura,  
—Nossa profunda e alta formosura,—  
Tanta, tamanha, que nos faz sofrêr;

E esta visão do ceu em que ando imerso,  
—Tudo quer ser o pequenino berço  
—Em que eu te possa, Amor, adormecer . . .

Coimbra, 1911.

## TENTAÇÃO DO MAR

... **Q**UE o teu abraço maternal, estreito,  
Fremente de carinho, ó minha Mãe,  
Seja o meu berço posto no teu peito  
Para que eu adormeça e durma bem...

E que os teus braços postos nesse geito  
Que só as Mães e as Bem-amadas teem,  
Prendam a si o aventureiro afeito  
— Às perturbantes tentações do Além...

Que o teu olhar resuma em piedade  
A divina visão da imensidade,  
— Alto-mar de Misterio a desvendar...

— Cinje-me bem ao peito, com ternura...  
Que as tentadoras vozes da Aventura  
Chamam por mim das vastidões do Mar!

## AMOR DE DEUS

... **A**NTES, ó meu Amor, — pelos ceus fora,  
Junto ás fontes da Vida, vagueava  
O espirito de Deus . . . E em branca aurora,  
Em comoção e Amor se concentrava . . .

E era o Amor o espírito vogando  
No seio do misterio, — claridade  
Promissora e divina, fecundando  
O silencio irreal da imensidade.

Era a extasiada vista que resume  
A visão absoluta, a visão pura.  
E, sem ser vida ainda, era perfume,  
E terra toda em flôr, e creatura.

A imensidade muda e recolhida  
No seu silencio extático e fecundo,  
Sentia já pulsar em si a Vida,  
Sentia em si o latejar dum mundo.

No amor, em Deus, no abraço imenso e puro  
Em que o Amor os espaços abranjia,  
Já existia o tempo e o Futuro,  
E a vida imensa e rútila existia . . .

Alma infinita e só, alma fremente,  
Errante e claro espírito de Deus,  
Era a ancia fecunda que presente  
As florações que ham de estrelar os ceus . . .

O Universo era amor—, o amor: oceano  
A transbordar na imensidade escura,  
Aonde o cosmos, a Terra, o sêr humano,  
Apenas eram a visão futura.

O Universo era Amor — . E era desejo . . .  
Que já o Amor alvorecia o espaço,  
E resumia os mundos já num beijo,  
E fundia o Universo num abraço.

E assim a imensidade já não era  
Amor somente, — mas amor-florido,  
Inquieto pressentir de primavera,  
Amor de Mãe desperto e pressentido.

E á flôr dos ceus, no abismo, á luz de aurora,  
Piedoso olhar do Amor amanhecendo,  
Ondeava na luz, pelos ceus fóra,  
O verbo creador, suavemente . . .

Depois o Amor, céguinho de sentir-se  
Em si mesmo, céguinho e deslumbrado,  
Quiz a si proprio, com amor, cinjir-se,  
Quiz abraçar o Amor, ser abraçado.

E o desejo elevou-se ao paroxismo,  
Em cristações, em extases, loucura,  
Ilimitando e reduzindo o abismo,  
Em fogo, em luz, em beijos em ternura.

— Ah que visão longinqua em mim se exalta  
Em meus intimos olhos piedosos,  
Como um facho de luz profunda e alta  
Sobre distantes longes nebulosos! . . .

Era a ancia indomável do desejo,  
Num desespêro, delirante, louca,  
O Amor que quer divinizar-se em beijo  
E que vai p'ra beijar e não tem boca!

Que não tem labios que resumam tudo,  
Todo o infinito que esse Amor traduz,  
Que luta e sofre, num combate mudo,  
E se desfaz em lagrimas de luz . . .

—Ser tanto amor,—Amor—, e não ter braços  
Para cinjir a vastidão dos ceus,  
Para abraçar os longes dos espaços,  
Para Deus abraçar ao proprio Deus! . . .

Ser tanto Amor e pela imensidade  
A vaguear, como um espétro vão,  
—E não poder, da propria claridade,  
Fazer brotar o Amor num coração! . . .

Nem a tristeza dum olhar saudável  
A recordar a luz que se perdeu . . .  
Ah! nem a Dôr dum anjo doloroso,  
Dum exilado a recordar o ceu!

Nem a loucura maternal, varrida,  
De amargurada Mãe a recordar  
Que o filho morto que lhe deu a vida  
O traz nos braços para o embalar! . . .

Nem a amargura imensa dum perfeito,  
Dum carinhoso amor abandonado,  
A aconchegar, sósinho, sobre o peito,  
O seu proprio sofrer bem abraçado . . .

Nem a tristeza sepulcral duns braços  
Abertos, largos, francos, a abraçar,  
Que tombam tristes, a sonhar abraços,  
Emquanto os olhos ficam a chorar . . .

\*

E nos olhos do Amor, de maravilha,  
Cintilavam as lagrimas . . . E os ceus  
Fecundava-os a Dôr, a doce filha  
Amorosa e altissima de Deus.

Iam tombando as lagrimas no espaço,  
Iam brotando os soes na escuridão,  
Num germinal de mundos, no regaço  
Indefinido e astral da imensidão.

\*

Névoa de pranto em olhos macerados,  
Luz de visão suprema e piedosa,  
Ondeava nos longes encantados  
No extasiado ondear de nebulosa . . .

E os desespêros da emoção que eleva  
As lagrimas aos olhos, rutilavam,  
Enceguecendo e alumando a treva,  
Nas pupilas dos Soes que deslumbravam . . .

E o caminho das lágrimas, jornada  
Infinita nos ceus da alma,—agora  
Era órbita imensa e abraçada,  
O caminho dos soes, pelos ceus fóra . . .

—Meu Amor, meu Amor!—beija-me a boca!  
Que nos consuma o fogo, e que o meu ser,  
No incendiado altar da tua boca,  
Seja um momento a imensidade a arder !

Cinje-me a ti um desvairado abraço,  
Num abraço de morte, a delirar,  
Como outrora o Amor, cingindo o espaço,  
O proprio Amor sedento de abraçar !

---

Dêmo-nos, meu Amor, como se fosse  
O doido incendio desta vida em flor,  
Todo o Universo, numa doida posse,  
A consumir-se num divino Amor!

1911.



## VOZ DAS LAGRIMAS

(Maria de Castro)

QUE belos sam os olhos marejados,  
— Ó meu Amor — de lagrimas!... Parece  
Que sobre os nossos olhos extasiados  
Toda a Beleza e toda a graça desce...

Que numa lagrima somente, — abraço  
Infinito e divino, — os altos ceus,  
A nossa alma e a vastidão do espaço,  
Se beijam, fundem, — realizam Deus...

Deixa correr as lagrimas... Só vêem  
Aquelas almas lúcidas que teem  
Os olhos claros, dôces, de chorar...

Almas de Amor, sem voz que diga tudo,  
Deslumbradas de ceu, num gέsto mudo,  
Choram...

E o pranto é um modo de falar...

Março — 1911.

## PIEDADE

A VIDA é uma apparencia que vagueia  
Entre visões ideais de divindade,  
Sonho de Amor medindo a imensidade,  
Ancia de Deus ilimitando a Ideia ...

O perfume da Vida é — piedade,  
E a piedade — Deus, que nela ondeia ...  
E vêde a terra, sob a lua cheia,  
— Piedosa cathedral de Claridade ...

E vêde a Alma, como em si resume,  
— Flôr perfeita da Vida, — o seu perfume,  
— Seio origem de Deus, — todo o esplendor ...

Vêde as mãos postas, com unção, rezando,  
Vêde os meus olhos, a minha Alma, quando  
Penso no meu Amor ...

## SONETO

NUM momento de assombro em que choramos,  
— Assombro feito de emoção e encanto,  
E silencio e Amor, — nós contemplamos  
Um aspéto de Deus no nosso pranto...

E tanto em Deus os olhos repoisamos,  
— Intimos olhos — num delirio santo,  
E na sua visão nos deslumbramos,  
— Que nos sentimos Deus sentindo-o tanto!...

Tornou-se em nós divina a propria vida...  
— Azas de Amor, na sêde enternecida,  
Foram, num vôo iluminar os ceus...

E agora, um beijo enflora todo o espaço,  
E a doçura harmoniosa dum abraço,  
Cingindo a Vida, abraça o proprio Deus!

Março — 1910.

## SONETO

COMO as palavras andam tão pertinho  
Do meu sentir, Amor, do nosso amar!...  
Palavras que se dizem tão baixinho  
Que as almas, só, as podem escutar...

Sobe-me a alma aos olhos, para olhar  
Esta branda paisagem... De caminho,  
Emquanto o pranto sobe, de mansinho,  
— Sinto-a nos lábios, ponho-me a rezar...

E vê tu, minha vida, esta doçura...  
Como as palavras dizem bem ternura  
E os olhos dizem lágrimas, unção!...

«Minha irmãsinha, meu Amor perfeito...»  
— Não cabe o coração dentro do peito,  
Não cabe o nosso Amor num coração!...

## VELANDO . . .

JUNTO dela, velando . . . E sonho, e afago  
Imagens, sonhos, versos, comovido . . .  
Vejo-a dormir . . . O meu olhar é um lago  
Em que um lírio alvorece reflectido . . .

Vejo-a dormir e sonho . . . Só de vê-la  
Meu olhar se perfuma e em minha vista  
Ha todo um ceu de Amor a estremecê-la,  
E a devoção anciosa dum Artista . . .

— Nuvem poisada, alvente, sobre a neve  
Das montanhas do ceu, — ó sono leve,  
Halito de jasmim, lírio, luar . . .

Respiração de flôr, doçura, prece . . .  
— Ó rouxinois, calai! Fonte, adormece! . . .  
Senão o meu Amor pode acordar! . . .



## LAR

QUANDO te tenho ao meu colo  
Como ás creanças pequenas,  
E te animo, te consolo  
De doces, maternas penas;

Quando te embalo cantando  
Como fosse tua mãe,  
— Sorris, num sorriso brando  
— Que só as creanças têm . . .

E cingindo-te bem entre  
Meus braços, num sonho, eu vejo  
O fructo santo dum beijo  
Que floresce no teu ventre . . .

Que linda a curva suave  
Das ondas mansas do Mar!...  
— Calix de flor, colo de ave,  
— Oração a Deus, altar...

Ó curvas cheias de graça,  
E alma! Curvas em flôr!...  
— Ondas... Sobre a agua passa  
O espirito do Senhor...

Senhor Deus, fonte de Vida  
E arte!... Magia eterna  
Que faz a terra florida  
E torna a Mulher materna!

Quando em meus braços te arrolo  
Eu fico a olhar-te, a sorrir...  
E julgo ter ao meu colo  
O meu filhinho a dormir...

## VERSOS DA MINHA VENTURA

Para meu filho

JUNTO da sua Mãesinha  
Mesmo agora adormeceu...  
Ele é meu e ela é minha...  
— Tenho na terra o meu ceu!

E é tam perfeitoinho, tanto  
Sol el' fez nascer em mim,  
Que me parece um encanto  
Ter já um filhinho assim...

Tam lindo que, só de vê-lo,  
Me dizem, sorrindo, os mais:  
«Tam pequenino e tam belo,  
«Mostra bem o amor dos paes...»

Ponho-me a olhá-lo e adivinho  
A curva desconhecida,  
O mist'rioso caminho  
Desta pequenina Vida.

Ha de ser justo. A Beleza  
Ha de-o encantar, dominar...  
Nele toda a Natureza  
Bela e casta ha de cantar.

Que toda a força da terra  
Toda a Beleza do Ceu,  
— Todo o Amor que a Vida encerra —  
Cantaram num beijo meu!

Ha de ser poeta...

Ser poeta

É sentir a Vida toda  
Em nossa Vida, alta e inquieta,  
De joelhos á nossa roda...

É trazer no olhar, — Sol nado —  
Um grande Amor, e sentir  
Na alma, um ceu todo estrelado,  
Astros, lirios a florir...

E é erguer num sobresalto,  
—Novo e eterno Prometeu—  
Luz de Beleza, bem alto,  
Desta vida para o ceu!

É moldar na argila a asa  
P'ra cingir o firmamento...  
É trazer a alma rasa  
De luz, sofrendo o tormento

De ver, na escura tristeza,  
Vidas que em vão se consomem...

—Ser poeta é ser a Beleza,  
Deus, o ceu, livres no Homem!

\*

Que os seus olhos onde agora  
Eu adivinho uma luz,  
Sejam um nascer de aurora,  
Mais belos que os de Jesus...

Que a dôr os torne piedosos.  
—Ha um sofrer que só exalta.—  
Chorar é vermos, anciosos,  
Uma luz que aos outros falta.

Deus lhe dê tanta ventura  
Como a que me deu... E, assim,  
Cresça ele em formosura  
Como esta anciedade em mim.

Que esta alma alvorecida  
Que o meu amor vai tecendo,  
Seja, no Oceano da Vida,  
Onda de Amor bemdizendo.

É o seu corpo bem amado,  
Pequenino, liral,  
— Um sacrario iluminado  
Em sêde inquieta de ideal.

O meu filho! Deus o faça  
Tam belo como feliz,  
E lhe dê a santa graça  
Dum S. Francisco de Assis...

\*

Asas da minha véntura,  
Minha alma, ó ceu aberto!  
— Subí a tamanha altura  
Que já sinto o ceu mais perto!

Fonte de Amor alto erguida,  
Água de luz a nascer  
Nos castos flancos da Vida,  
— Versos, — cessai de correr!

— Alma — toma as asas tuas,  
Sobe, em pranto, aos olhos meus!  
— Já nos meus olhos flutuas  
E és névoa do mar de Deus...

— Lagrimas, — correi á tôa!  
Ó mar, se nunca secasses!...

— Ai que caricia tam boa!  
— Quem me beija, assim, as faces?

18 de fevereiro de 1912.



## CANÇÃO

TENHO duas mães na terra,  
Dois regaços p'ra sonhar,  
Ambas sam minha ventura,  
Ambas me sabem amar...

Uma trouxe-me nos braços,  
Deu-me a alma e a criação,  
Á outra dou eu abraços  
Filhos do meu coração...

Tenho duas Mães na terra,  
Uma á Vida, á luz me deu,  
Dei á outra o corpo e alma,  
— Que mais lhe posso dar eu?

Uma tem cabelos brancos,  
A outra a Beleza em flôr,  
Uma é Avó, outra Mãe,  
Ambas por graça do Amor...

Tenho duas Mães na terra...  
Talvez tres, contando bem,  
— Porque a Mãe do meu Amor  
É também a minha Mãe...

Tenho uma Mãe, tenho duas,  
Tenho tres, que mais quero eu?  
Tenho um filho e sou amado,  
Tenho o Amor, tenho o ceu!

VERSOS DO MEU INFANTE



I

COMO os tivesse a ambos no regaço,  
A chorar de ventura escrevo agora...  
E o meu Amor é um piedoso abraço  
Um diluvio de luz pelos ceus fóra!...

Canta em meu coração o imenso espaço,  
Nasceu em mim uma divina aurora,  
E este infinito Amor que eu não abraço  
E não cinjo, — este Amor — soluça, chora!...

O meu filho, meu Deus! Ah! que tortura  
Sentir a alma anciosa de infinito  
A transbordar, opressa de ventura!...

Ó minha Arte inútil, incompleta...  
— Quanto mais diz um desvairado grito,  
Eo Amor, o Amor, ah! que maior poeta!

## II

O meu orgulho louco, esta cegueira  
Que me deslumbra, — se não sei dizê-lo, —  
É um incendio de Amor! A terra inteira  
É pequena demais para contê-lo . . .

A luz de Deus cinjiu a minha frente,  
Floriu meu coração como um jardim!  
— Minha alma é um céu sem horizonte,  
Eu trago um mar sem praias dentro em mim!

Quasi perdi a voz para cantar-te,  
Ó esforço, ó Victoria! A minha arte  
Pôz as mãos e rezou, olhando o céu . . .

Reza no meu Amor todo o Universo!

E extasiado eu sonho ao pé do berço  
Em que, a sorrir, meu filho adormeceu!

## SENHORA DO CREPUSCULO

**T**ERNURAS de crepusculo veladas,  
Piedoso tombar da noite quando,  
No silencio e na Sombra, extasiadas,  
As coisas sonham, vagas, recordando...

Manso florir de estrelas docemente,  
Olhar de justo que se extingue vendo  
A luz de Deus alem do aparente,  
—Lirio na escuridão transparecendo...

Estremecer de palpebras suáves  
Sobre a graça dum rosto virginal,  
Folhas tombando, musicaes e graves,  
Nuvens subindo em vôo triunfal...

Doçura de mãos postas, ar de prece,  
Bater de asas, murmurios, gestos lentos  
Tam amor e tam alma que parece  
Serem os nossos proprios sentimentos...

Vago fundir das coisas no regaço  
Inefavel da Sombra, de mansinho,  
—Beijo do ceu á terra, etereo abraço  
De dois corpos astraes, devagarinho...;

Silencio iniciador, visão de encanto,  
Que as lagrimas revelam se o sentir  
Sóbe em palavras divinaes de pranto  
E as almas se contemplam a sorrir...

Brando fluir do espirito profundo,  
Inefável, á flôr das coisas calmas,  
Entrevisão ideal dum outro mundo,  
Silencioso alvorecer das almas...

Intérmino murmurio, voz distante,  
Misteriosa voz apenumbada, —  
—Vem um rebanho pela estrada adeante,  
—Sonha um velho chorão junto da estrada...

Neste concerto irreal que anda tentando  
Nossa alma á aventura do misterio,  
Das alturas do ceu, num vôo etereo,  
As palpebras da noite vão tombando...

Entre a visão dos longes incendiados,  
Em oiro vivo, o poente arde e deslumbra,  
E os seus mil olhos fulvos, desvairados,  
Brilham na vasta face de penumbra...

E tu falas baixinho; como fala  
Este silencio a murmurar doçura...  
—Toda a piedade que o crepusc'lo exála  
—Já a sentira em tua formosura!...

Olha os choupos, Amor, olha a clareza  
Desta agua, a brilhar como um tesoiro!  
E, ao fundo, ao longe, a rútila beleza  
Da agua beijando o ceu num beijo de oiro!

Vê a alamêda extatica, sombria,  
O olhar da agua em oiro, caminhando!...  
E ao fundo, ao longe, a vívida agonia  
Do claro ceu em chamas delirando!

— Igneo portal do ceu, ao longe, ao fundo!  
Silenciosa e trágica viagem!  
Jornada de misterio e Amor á imagem  
Das almas á procura do outro mundo!...

Olha a alamêda extatica e silente!  
Vão-se os olhos e a alma, em tentação,  
No encanto da agua, e fica a gente  
A estremecer de assombro e comoção!

\*

Deixa os teus olhos vaguear no encanto  
No extranho encanto mudo que nos cêrca,  
Pr'a que o misterio nos possúa tanto  
Que este sentir de forma vã se pérca...

Perde os teus olhos, meu Amor, na extranha  
Visão que em nossa alma se alevanta,  
Largo romper de Sol, onda tamanha  
Que do mar do Misterio, alem, se adeanta!

E palavras que a boca desconhece,  
Duma divina idade hoje esquecida  
Esta Hora as dirá. Comnosco é Deus!

Não fales... O silencio é a melhor prece...  
Resam em nós o Amor, o Mundo, a Vida,  
Somos a tarde morta, e o Amor e os ceus!...

1911.



# O ELOGIO DA INFANCIA

Para os meus filhos



FALAR da Infancia... Eu devia  
Trazêr-vos entre esplendores,  
Em vez destes versos—flôres—,  
Lírios em vêz de poesia...

Devia pedir ao Sol  
A graça divina... Ao luar  
A doçura... E ao rouxinol  
A ternura do cantar...

E ao ceu azul.—, se pudêra,  
Ao céu, a etérea pureza,  
A alegria á Primavéra,  
E á Vida eterna a beleza...

Perfume ás flôres... Frangrancia  
Ás rosas... Depois... e assim,  
Diria, em louvor da Infancia,  
Tudo quanto eu sinto em mim...

E os meus versos, ao 'screvê-los,  
Teria, junto ao meu peito,  
Sentados nos meus joêlhos,  
Os meus filhos...

De tal geito

Que a ternura dos meus versos  
Fosse a intima ternura  
De mil encantos diversos,  
— Toda a minha formosura!

\*

Falar da infancia!

Nem flôres ao Sol abrindo,  
Ondas cantando no Mar,  
Estrelas no ceu florindo,  
Nem palavras de luar.

Ah! nem toda a claridade  
Que o Sol espalha nos ceus  
Nem talvez toda a bondade  
Que sorri no olhar de Deus...

Bem poderiam dizer  
A alegria cristalina,  
Toda a pureza divina  
Do vosso modo de ser!

Vós sois a aurora da Vida,  
— A Vida feita creança,  
E engrinaldada, florida,  
De inocencia e de esperança...

... Como um regato contente,  
Pranto da terra, a cantar,  
Ainda perto da nascente  
Sem pensar sequer no Mar...

Ou como a flôr convencida  
De que a Vida se resume  
— Para beleza da Vida, —  
Em côr, em som, em perfume!...

(Nas madrugadas brilhantes  
Quem pensa lá no Sol pôr?)  
Vos sois a vida em descantes,  
A Vida cantando em flôr!...

Ai, não acordes, ó mágua, —  
Vá, não despertes, ó dôr...  
— Se os olhos se arrasam de água  
É um pranto sem amargor!

E a vida de toda a gente  
Sómente devia ser  
A alegria transparente,  
Pura e dôce de viver!...

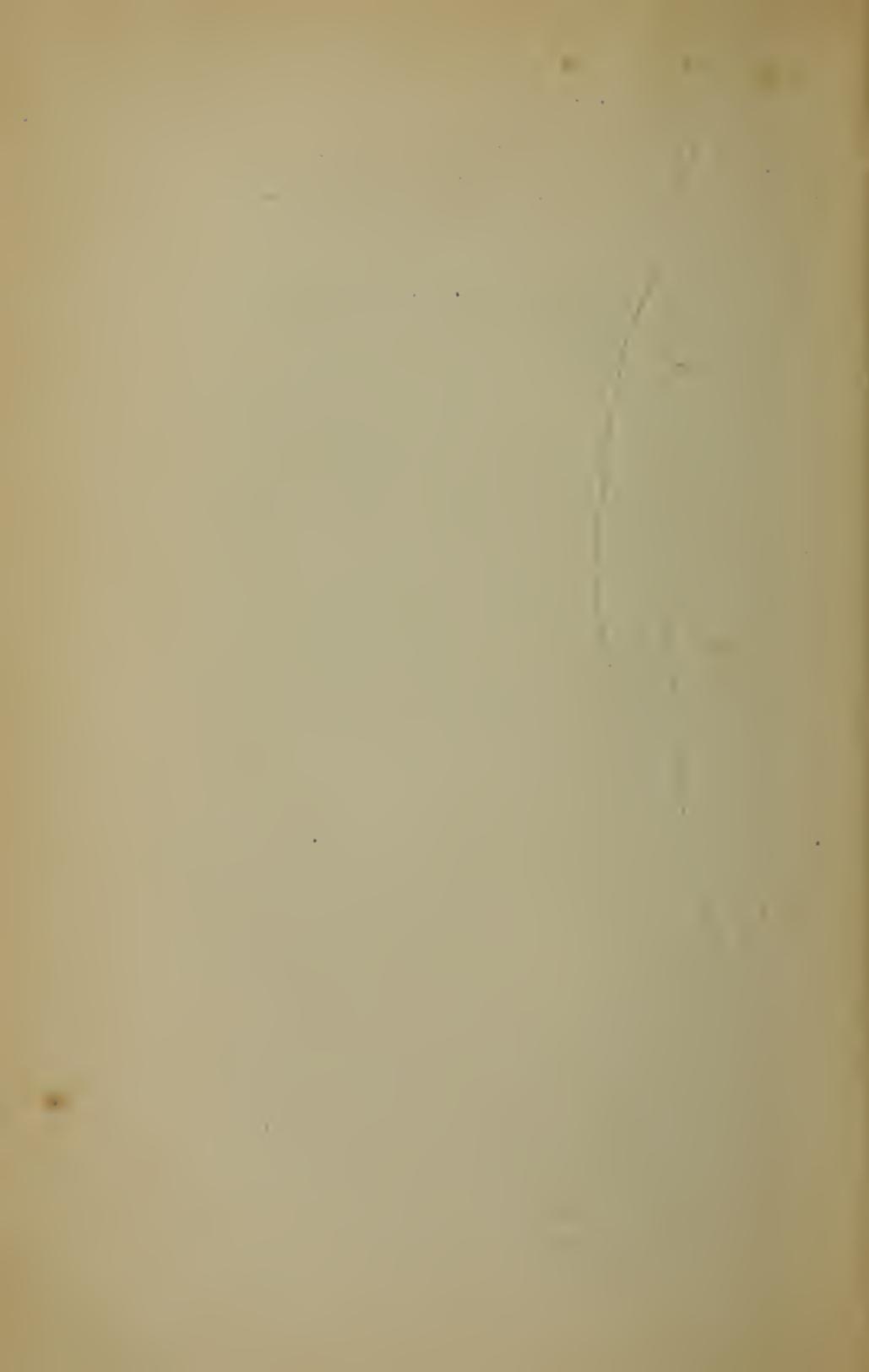
E cada alma devia,  
Em claridade e esperança,  
Guardar esta melodia,  
Sêr uma eterna creança!...

Falar da Infancia... O Poeta  
Mal balbucia, a cantar...  
— Tomba inerte, ó asa inquieta,  
— Já que não sabes voar!...

---

E o poeta domina a ancia  
De cantar... Calou-se a voz...

— Ó Mães, falai vós da Infancia,  
— Almas de mãe, falai vós!



SINA DA MINHA RAÇA...



A MINHA Arte os modelou, amou segundo  
O meu Amor...

E pelos versos meus perpassou o profundo  
Desejo meu de semear a vida pelo mundo,  
A minha vida em flôr!...

Versos que eu escrevi para depois vivê-los,  
Escrevendo-os melhor...

Ó vida errante, ventos largos, dias belos,  
Versos aventureiros que dizê-los  
Era partir também!  
Ah! Partir, embarcar!

Meu Amor:—eu recordo aquela hora  
Em que juntos os lêmos, por meu bem...  
E olhavas-me a chorar...

E eu ouvia uma voz rutilante de aurora,  
Intima voz, doce canção dominadora,  
A distancia, a aventura, a Selva, o mar, o além...

Era a vida a chamar, tinha de obedecer...

Minha Arte sorriu... A minha alma e a tua,  
(Eu sei lá distinguir, tam irmãsinhas sam...)  
Nossa alma de amor viu a saudade erguer  
O seu vulto de Amor em nosso coração...

E foi Sol-posto, e ergueu-se triste a branca lua,  
E na tua alma começou a anoitecer...

Pois se de ti me vem o orgulho e a graça,  
Luz do meu caminhar,  
Como benção do Sol ao romeiro que passa  
E se põe a cantar...

Pois se em ti minha vida pequenina  
Toca, povôa os ceus,  
E por te amar se purifica e é divina  
E só por ti me sinto proximo de Deus...

Pois se de ti me vem a força e o encanto,  
Minha serena e placida alegria,  
Beleza em flor com petalas de pranto,  
Alma que eu beijo e canto,  
Meu orgulho, meu Sol de meio dia,  
Minha razão de ser!  
— Como deixar-te, como abandonar-te,  
— Meu amor, e viver?...

E eu vi erguer-se uma ilusão na minha arte  
E um sonho anoitecer...

Eras silenciosa e triste e calma,  
Olhos rasos: no olhar toda a saudade,  
Todo o amor, toda a prece,—a tua alma...

Olhar que diz ausencia e imensidade,  
— Ultimo olhar,  
Morte, incerteza, angustia, soledade  
Que vê, chorando as naus fazer-se ao mar,  
— Deus sabe quantas para não voltar...

Olhar da minha gente no Restelo...  
Sina da minha raça!

E o teu amor falou. O Sonho belo  
Por tuas mãos de amor quizéste erguê-lo,  
Alto pendão que esvoaça,  
Aos ventos largos. . . — Vêde, olhai!

E a tua voz heroica e dolorosa  
Canto de sacrificio e de tristeza,  
Ergueu-se e disse:  
«Vai, pela Beleza!  
Mais belo voltarás, — meu Amor! — Vai!»

1914.

VERSOS DO MAR ATLANTICO



ALTA noite, mar alto, navegando . . .

Ó minha Mãe sósinha na amargura  
De me veres partir numa audácia, cantando,  
Atraz de um sonho, possuido de Aventura . . .

Minha Mãe, ó meu berço, ó meu regaço.  
Perdôa a minha ancia audaz, perdida,  
Asa sequiosa, á beira mar, do livre espaço,  
Ávida de transpôr os limites da Vida . . .

Ó minha Mãe das lagrimas, Senhora  
De amarguras, crepusculos e máguas,  
Não chores mais, seca o teu pranto, e agora,  
Mãe, escuta o que vai por sobre as aguas.

Ouço-te os ais: «O meu menino que anda  
Sobre as aguas do Mar! Se o Mar o leva! »  
E á tua préce ausente o mar abranda  
E a aurora rompe e o Sol, rasgando a treva.

Ouço-te os ais: «Para que a gente os cria!  
P'ra que amarguras más sofremos tanto! . . . »  
Choras, e em mim exalta-se a alegria,  
Choras, e é Sol em mim teu razo pranto!

Nada receies, nada temas, quando  
Se erguer a onda, num insulto ao ar,  
De quarto, no *spardeck*, passeando,  
Eu rimarei meus versos, a cantar.

Nada receies... O teu filho vive  
Em plena vida, em pleno ceu. Em mim  
Rompeu o Sol, caiu um véu! Eu tive  
A minha aleluia, ó Mãe, emfim!

Ah! minha Mãe seréna! Cinge ao seio  
Os teus netinhos, dize-lhes que o pai  
Para alem-mar partiu sem um receio  
E á vida intensa, á lucta, ao sonho vai!

Dize-lhes: « Foi o Amor que aos outros prende  
Quem lhe deu asas p'ra melhor voar... »  
Que é o Amor que na ausencia me defende,  
Dilata o peito e me incendeia o olhar.

Dize que é por Amor! E a quem não sabe  
Compreender a minha vinda, assim,  
Dize que é um Amor que em mim não cabe,  
Alto mar, claro ceu brotando em mim!

A Vida! O Amor! Ó mãe que me trouxeste  
Em teu ventre sagrado... — Ó Vida inquieta!  
Se tu soubesses o que ao mundo deste,  
E que misterio é a alma dum poeta...

Minha Mãe, minha Mãe, séca o teu pranto  
Como aquela outra Mãe a quem me dei  
De corpo e alma, em Deus, num puro encanto,  
E tambem, como a ti, abandonei.

Não chores, minha mãe, não ha perigo!...  
Nas ondas altas não se oculta o mal,  
— Quatro séc'los que são? — O mar é amigo,  
— Sou Poeta e nasci em Portugal!

Ó minha Mãe ausente! O mar sem fundo,  
Terras de morte, sem regresso, ó mãe. . .  
— Olho e só vejo á minha frente o mundo!  
— Largar, partir, mar alto, o longe, o além!

Minha Mãe, minha Mãe! que sofrimento  
Sentir um vôo prisioneiro em nós!

Mãe: — partí para o meu descobrimento,  
Vou ter, ó minha Mãe, com meus Avós!

Mar das Canarias  
Janeiro 1914.

## VERSOS DA ALMA AUSENTE

**E**MBARCAR e partir! Olha o Restelo e a Torre,  
A barra fóra, a terra ao longe, o ceu e o Mar!  
E em minha alma, enquanto ao longe a terra morre,  
Um sonho antigo ageita as azas p'ra voar!

. . . . .  
Meu Santo Amor ausente, ó nau veleira,  
Corpo de Sol que só o Amor governa,  
Ó mais alta e diáfana, ó primeira,  
Jardim e ceu, gloria de posse eterna!

Mãe dos meus filhos, corpo de Alma, gloria  
Do meu orgulho, pão dos meus desejos!  
Inspiradora suave da Vitoria  
Que hade ser nossa e hasde cingir com beijos!

Mulher, mulher, corpo de ceu florido,  
Arvore em flor, outono e primavera,  
Verso maior dum poema concebido  
Com a Beleza e o Amor que o Amor nos dera!

Lirio impoluto, Santa, ó escultura  
Dos meus sonhos reais, serva e rainha!  
Alva da minha noite, ó muito pura!  
Gloria da minha posse, — ó muito minha!

Anjo da guarda entre dois berços, bela  
Como a Saudade, o olhar vago e profundo,  
Olhos de choro e magua como aquêla  
Por cujo Amor um Poeta veio ao Mundo...

Amor... Soror Saudade, — ó branda e triste,  
Ó ceu em flor, ó magua ao Sol poente!  
Vida em graça de quem somente existe  
A amar os filhos, a lembrar o ausente...

Meu amor, — minha ausente, orgulho altivo  
Do meu Amor, radiante diadêma!  
Corpo de Amor e sacrificio vivo,  
Maior que todas, rútila e suprêma...

... Porque ha o Amor prisão, a algêma abraço,  
O esteril amor que prende e abrasa,  
E que em nome do Amor repele o espaço,  
E não pôde voar por não ter asa...

Se te disserem, meu Amor:... «*Pobrinha,  
Tam noiva e linda e já sosinha, Ceus!...*»  
— Ó minha noiva ausente, ó muito minha,  
— Sorri, perdôa, lê-lhes versos meus...

E se alguém te disser: «*O que me adóra  
E a quem me dei, é meu, de mais ninguem,  
Nunca o verei partir pelo Mar fóra!*»  
— Sorri, perdôa, ó meu Amor, tambem...

E se alguém por julgar-se mais amada  
E amar melhor que tu,—pobre ilusão...—  
Te disser, numa lástima: «*Coitada...*»  
— Ó meu Amor, sorri, tem compaixão...

E se alguém te disser: «*Ah! nem a Morte,  
A propria Morte m'o virá roubar!...*»  
Sorri, ó meu Amor, tu que és mais forte,  
Não digas nada, que é melhor calar...

Tu que és alma e és dadiva constante  
De sacrificio e dás sem receber,  
Tu que te deste ao meu Amor radiante  
E sofrêste por mim, sem o dizer!

Occano Atlantico, Fev. de 1914.

OS SONETOS DA MORTE

SONETOS DA HORA QUE MORREU



I

A MINHA alma deixa-me sósinho  
Algumas vezes, p'ra meu bem de ausente,  
E uma alma esquecida ou diferente  
Á minha beira vai que o adivinho...

É tam longe o meu lar, é tam vizinho  
O perigo talvez!... E vai a gente  
Sem pensar no perigo, olhando em frente,  
Porque o lar é no termo do caminho...

Bateu-me á porta a ansia de Aventura  
E embarquei... A seguir a Morte veio  
Duas vezes bater á minha porta...

E sucumbi de ausencia e amargura,  
E a carreira do Sol parou em meio,  
E a minha avidez senti-a morta...

II

AH! Sucumbi de ausencia e de amargura!  
No meu ceu ocultou-se a minha estrela!  
—E eu não receio a morte, e eu penso nela  
Porque a morte é ainda formosura...

Senti-me fragil. Fui a creatura  
Desvairada um momento na procela,  
E a minha dôr sofreu a dôr daquela  
A quem o amor déra a maior ventura.

Chegára a irmã do Amor. Roubou-lhe um filho!  
—la eu sobre o mar seguindo o trilho  
Em que as naus dos avós foram um dia...

Ausencia e Morte!— Ó meu Amor perdôa!  
Minhas lágrimas vá, correi á tôa!  
Pede perdão, humilha-te, ousadia!...

### III

QUE voz fala nas arvores, distante  
E oceânica voz povoando o ar?  
Ó silencio do mato, ó voz ondeante,  
Ó saudade das ondas, a cantar!

O caminho do Sol, sertão adeante,  
É o nosso caminho... E o vento, a arfar,  
Quantas vélas inflou, ansioso, óvante,  
Quantas esteiras fêz abrir no mar?

Vento, véla infunada!...— Ó Vagabundo  
Donde vens tu assim, vento do Mundo,  
Vento do Mar, do Além, da vastidão!

Se vens de Portugal... (cála, saudade...)  
—Vento passa, não fales!... (Anciedade,  
Amaina, amaina,—esquece, coração!—)

#### IV

SAM irmãos a Morte e o Amor.  
Onde o Amor vai, o Amor forte,  
Radiante e audaz,—vai a Morte  
De cortejo ao vencedor...

Foi sempre a morte a vencida  
Se o Amor foi grande... E' assim  
Que a vejo em frente de mim,  
Frente feita á minha vida...

E eu sei que a Morte não finda  
As vidas e o Amor... Alem  
Ha mais Vida e Amor ainda!...

Mas ao vêr-te assim, sosinha,  
Junto a um filho morto, ó Mãe...

—Pobresinha, pobresinha...

V

VÉLAM a minha dôr e o meu receio  
Junto da tua cóva há pouco aberta. . .  
— Cartas de Portugal. . . Abro-as e leio-as. . . .  
— De novo em mim a dôr se ergue, desperta. . .

Mas o receio egoista esvai-se e cala  
No meu Amor, e a angustia que sofri. . .  
Só teu martirio em lagrimas me fala,  
Meu coração põe-se a sofrer por ti!

Desespêro de naufragos lutando,  
Lutando em vão! O Amor e a Morte em luta,  
O Amor vencido, a horrivel amargura!

Himalaias, abismos delirando: . . .

Jesus! Jesus! O que a minha alma escuta,  
Debruçado na tua sepultura!

Fronteira de Angola—Julho 1914.

## VI

CÁI na floresta o luar. Céu do Cruzeiro.  
O vento passa num misterio. . . Em mim,  
Meu coração de poeta e aventureiro  
Ouve as saudades soluçar porfim. . .

Venceu o Amor! Rendi-me prisioneiro!  
Eu, que num canto, numa audácia, vim,  
Como um ardente, impávido guerreiro. . .  
— Venceu o Amor! Eu fui vencido assim. . .

A morte e o Amor fizeram aliança. . .  
— Meu pequenino morto, vá, descança,  
— Lirios, cobri-lhe a campa de luar. . .

E sobre a selva o luar, num vôo, desce. . .  
— Vá, minha alma, dize a tua prece,  
— Lágrimas, devagar, — mais devagar!

## VII

TERRA da patria, ó minha terra, embala

O meu infante morto, a ciciar...

Seja aroma de lirios tua fala,

Brisa da tarde, afagos de luar. . .

Ó meu Amor, e tu seréna, cala

Tua saudade em lagrimas. . . — Chorar ?

Se é a mesma ausencia, Amor, p'ra quê chorá-la

Se o nosso filho um dia hade voltar ?

Hade voltar, Amor ! — No caes, á espera

O teu vulto de Amor e primavera,

Sorri á minha alma e aos meus desejos. . .

E a nau hade fundear, poisar, serena,

No Tejo azul, p'ara fim da tua pena. . .

E o Amor hade voltar, e a Vida e os beijos ! . .



PARA MINHA MÃE E PARA MEU FILHO

\*



TANTA oração ás mães, preces que o Amor exalta,  
Nuvens de incenso pelo ceu, cantos, perfumes . . .  
—Ó minha Mãe, vou-te cantar,—tenho ciumes—  
Uma oração mais alta!

Tenho ciumes, minha Mãe, ouvindo o canto  
Que outros elevam... Outro Amor mais alto existe,  
O Amor—evocação de magua e pena e pranto,  
O que recorda Amor altivo e humilde e triste...

Eu meu Amor, eu canto o orgulho altivo  
Da tua luta e teu penar... Assim,  
A cantar, recordando, ó Mãe, revivo  
O teu calvario e tua mágua em mim.

E a minha Infância vive, resuscita!  
Ó minha Mãe das horas angustiadas,  
— Tam pequenino eu era! Ó Mãe aflicta  
Que me banhaste em lagrimas salgadas!

Vejo-te só, velando, erguida e firme,  
No pobre lar, a cada sobresalto!  
O teu Calvario andou a redimir-me,  
Por tua dôr, ó Mãe, subi tam alto!

«Não falte o pão aos meus meninos» — ouço  
A tua voz materna... — «quero-os vêr,  
Virgem Santa! crescidos... — depois posso,  
Em boa hora e em Deus, partir, morrer...»

O meu lar pequenino e pobresinho,  
Nas consoadas do Natal! Gemia o vento.  
E a nossa casa humilde, o nosso ninho,  
Era luar e devoção, lá dentro...

«Quanta alegria pelo mundo fóra,  
Esta noite não vai, quanta riqueza!»  
E a nossa casinha era uma aurora,  
E era um altar a pequenina mesa...

Ó lembranças em flôr daquela noite!  
(—Olhos p'ra que chorais?... ) E tu dizias:  
«Tanto pobre sem ter onde se acoite,  
E as noites do Natal, meu Deus, tão frias!»

E enquanto os outros, opulentos, riam  
Em volta á mesa esplendida e florida,  
Os teus dois filhos, a teus pés, ouviam,  
Da tua boca, uma oração á Vida.

Era a humildade e o Amor que nos contavas,  
Parábolas de Cristo em Galilcia...  
Contos de fadas ao depois, e davas  
Assim o ceu e o encanto á humilde ceia...

Ó Minha Mãe! A ceia clara e linda,  
Farta e cristã, na comunhão de Amor!  
—A nossa alma era de novo e ainda  
Do tempo em que nasceu Nosso Senhor!

Ser pobresinho como é bom! dizia  
A minha Infancia de poeta...! E eu,  
Durante a noite, nos meus sonhos ia,  
Pelo mundo, sem ter nada de meu...

Que já sonhava então, vivo e desperto,  
Como hoje sonho... E em sonho, o meu caminho  
Era florido em luz, macio e aberto  
Pelos anjos do ceu ao pobresinho!

Tinha um alforje p'ra pedir esmola...  
«Um pedacinho, meu Senhor, de pão?...»  
E floriam-me os anjos a sacóla,  
E floria-me Deus o coração...

De porta em porta eu ia mendigando...  
Ah! que contente eu ia! O meu olhar  
Iluminava a noite, madrugando  
—Lagrimas de alegria e de rezar!

E cingia em mim proprio o meu contento  
Abraçadinho a mim... «Ricos, olhai:  
Meu coração é um deslumbramento  
Vêde a fortuna imensa que nel'vai!»

\*

Mas deixêmos dormir o antigo encanto...  
—Ó Mãe, e os sonhos teus á nossa beira?  
—Se não houvesse mar, todo o teu pranto,  
Soluçado, embalava a terra inteira!...

— «Ai se te vejo homem, se te vejo  
Ganhando o pão da honra e do trabalho...»  
— Minha Mãe, consumou-se o teu desejo!  
É por ti, só por ti que existo e valho!

E dizias assim, chorosa e calma:  
(Era tam bom o teu regaço, Mãe!...)  
— «Deus aproveite e guie a sua alma  
— P'ra que no mundo nasça um maior bem!»

Eramos pobres... Mas se alguém batia  
Á nossa porta, ao retirar sem fome,  
«Nosso Senhor lhe assista, Amen»— dizia,  
E olhava o céu dizendo o santo nome.

Noivas de Amor, pobrinhas, sem camisa,  
Sem enxoval, vinham tambem pedir,  
E ainda havia bragal, roupa precisa  
Aos que a não tinham, seu melhor servir...

Mortas em flôr, pobrinhas ou donzelas  
Que iam noivar, na terra húmida e fria,  
Na arca do bragal, quazi vazia,  
Tinhamos sempre roupa para elas...

E a Páscoa, minha Mãe? E o fato novo?  
O rosmaninho pavesava o chão...  
Nosso Senhor vinha em visita ao povo  
Trazendo a primavera pela mão...

Crucificado em rosas e craveiros,  
Sorrindo ás almas, sobre a cruz em flôr,  
Com suas chagas, rútilos canteiros,  
Era um jardim o corpo do Senhor!

E desde então, nos salgueirões do rio,  
(Mandava Deus)—depois do pôr do Sol,  
Ao luar, toda a noite, a noite a fio,  
Entre dois céus, cantava um rouxinol.

\*

«Heide ser cura, minha Mãe... E hade  
Na minha igreja, no melhor altar,  
Erguer-se a tua imagem de piedade  
E de força e de Amor p'ra lhe eu resar...»

«O meu passal terá rosas e lírios,  
Açucenas, pomar, ovelhas mansas...  
E ham de florir de novo os teus martirios  
Em alegria, graças, esperanças...»

«Heide ser bispo, cardeal... Apenas  
Deus e tu para mim, existireis.  
Do seio d'Ele, lembrando as tuas penas,  
Virão meus gosos, minhas claras leis...»

Mas a Vida cantava á minha volta,  
E a Dôr do mundo veio-me acordar...  
Minha alma gritou, numa revolta,  
E o meu carinho quiz sofrer, lutar!

Depois o Amor bateu á minha porta...  
O Amor! O Amor! Ó Mãe! E eu segui  
Outro caminho todo em flôr,—que importa,  
Se amar o Amor é amar-te ainda a ti?

Eis que chegou o claro mensageiro  
Da Beleza e de Deus p'ra maior bem!  
—Minha Mãe, foste o meu Amor primeiro,  
E a minha noiva uma segunda Mãe!

E sou ausente longe!... Ó sélva cala,  
Céu do Cruzeiro, escuta! Ó luar nascente,  
Vai, pelo Mar, a Portugal e embala  
O meu filhinho morto, o outro ausente!

Ó Floresta profunda e comovida.  
Ó ceu de Africa austral, seara em flôr,—  
—Ouvi, levai esta oração erguida  
Junto á saudade, ausente irmã do Amor!

Rodésia Ingleza—Julho 1914.

SONETOS DA AUSENCIA



AUSENCIA é viver a vida  
Longe de nós... É lembrar  
Com a alma adormecida  
P'ra não sofrer, se acordar...

Ser amado e ser ausente  
Pode lá ser?! Pois ha quem  
Sendo amado e amando tente  
A distancia, o mar, o além?

É como andar degredado  
Longe da propria ventura,  
Ser ausente e ser amado...

É tomar nas mãos a dôr,  
Transformá-la em formosura,  
Tornar o Amor mais Amor...

VIVER a Ausencia... Quem hade,  
Ausencia, — chamar-te vida?  
— Ó Saudade, ó asa erguida  
Entre dois ceus, — ó Saudade!

O amor dos meus por mim chama.  
E donde vem essa voz  
Que nos doma e se derrama  
Tal um filtro mago em nós?

«*Volta ao Restelo, galéra!...*»  
— Prôa de Nau segue ávante!  
— Ao longe! Além! «*Não! Voltar!*»

— Ás Indias! (quem as soubéra!...)  
Alma de Amor, inconstante...  
«*Ah! quem me dera o meu lar!*»!

### III

AUSENCIA é montanha alta.  
Que vista imensa ao redór!  
Como a alma em nós se exalta  
E o amor se torna maior!

Ser ausente e ser amado,  
E amar! A clara ascensão!  
Foi o caminho rasgado  
Sobre o proprio coração!

Ó claro olhar de saudade  
P'ra vêr, em prece, a Beleza  
Já divina transcendencia!...

Toda tu és divindade,  
—Ó meu Amor—e tristeza...  
—Olhos de alma, olhar de Ausencia...

Bacia do Zambeze  
Fronteira de Angola

## LUAR DA AUSENCIA

VEM, meu Amor... Esta distancia é nada  
Perante o Amor... Escuta, meu Amôr...  
E tu vens, toda alva, aureolada,  
Vestida de luar, num esplendor...

Digo-te as minhas penas... Voz rezada,  
Voz de oração... E escutas... Ao redor  
O ceu, a selva, a noite de encantada,  
Sam teu silencio musical, em flôr.

E porque és doce como as horas calmas  
Em que os lirios florescem com as almas  
E Deus fala aos poetas, no luar,

Sorris...— e em volta aumenta a claridade...  
E em tuas mãos, lirias de piedade,  
Tomas a minha dôr para a embalar...

## SONETO

**N**O silencio vastissimo e liberto  
Das solidões da selva, num alto mar,  
Entregue ao meu Amor, eis que desperto,  
E sou o Amor, e ponho-me a rezar. . .

Ergue-se a minha voz! Canto, deserto  
De saudades, o Amor,—alma a cantar!  
Levo no olhar meu coração aberto,  
Meu coração em lagrimas no olhar! . .

E a cada instante se ergue a minha prece. . .  
A cada instante, pela selva além,  
A minha voz levanto p'ra cantar-te. . .

Nunca para meu bem, de ti se esquece  
Meu coração devoto, por meu bem. . .  
— És a minha saudade e a minha Arte!

Julho 1914.

## DO PRIMEIRO REGRESSO

ESCUTA, meu Amor, quando eu voltar  
De tam longe, e avistar de novo o Tejo,  
O meu Restelo que em saudades vejo  
Como outra nova India a conquistar;

Quando a minha alma inquieta sossegar  
Este vôo indomável, num adejo,  
E o amor e o céu e Deus, vivos num beijo,  
Iluminarem todo o nosso lar;

Quando, meu Santo Amor, voltar o dia  
Do primeiro regresso, e a aleluia  
Madrugar tua alma anoitecida. . .

Hasde embalar-me sobre o teu regaço  
Arrolar, encantar o meu cansaço. . .  
E então será o meu regresso á Vida!

## O MEU INFANTE

L ONGE de mim que vivo na constancia  
Desta saudade e Amor horas sem fim,  
(Mal chega lá minha indomável ancia)  
— A primavera abraça o meu Jardim. . .

E o meu Amor floresce em clara infancia  
Em graça viva e terrenal. . . Assim  
Por milagre do ceu, morre a distancia  
E a primavera sinto-a viva em mim!

O meu infante lindo, o filho amado!  
Tranças de Sol no outono, olhos de ceu  
— Vai a correr, é como fosse voando! . .

Vai a falar, é um rouxinol cantando!  
— Sonho que o meu Amor num sonho ergueu,  
— Corpo, rosa de Amor, beijo animado..



## COMO AS FONTES BROTAM...

Assir,  
Longe de ti, pertinho  
Em nosso Amor e minha evocação,  
Eu modelo, esculturo o meu carinho,  
Faço pulsar, num canto, o coração...

E em mim,  
Asa que libra o vôo e sobe e paira,  
E quer subir mais alto e mais e ainda,  
Ouço cantar o Amor, voz que desvaira  
E é suave, e domina, e ergue-se tanto,  
E é tam perto do ceu que vái tomá-lo  
Na rezada ascenção que jamais finda!

—Subir, subir mais alto!

O titán quer ser Deus, quebrar o encanto!

—Quem pudera quebrá-lo

Tomando o ceu no iluminado assalto,

Pondo na terra o ceu,  
Arrebatando a eterna formosura,  
Realizando em cada creatura,  
Livre e divino, — Prometeu!

\*

Amar... Amar alguém...

Amor que sonha rútilos delirios,  
Beijos, rosas sangrentas sobre lírios,  
Embriaguês sagrada!

Primaveras — outonos de desejos,  
Em pomares em flôr —!  
Amar alguém... o Amor!...

Ser a boca sequiosa e insaciada  
Junto da fonte clara,  
E a insaciada fome  
Num doirado pomar de loiro outono!  
Ser a fortuna avara,  
Ser escravo, ser dono...

Amar de amor que cinje, e envolve, e abraça,  
Numa auréola ardente, o corpo amado!...  
— Ó desejo fremente, ó corpo em graça,  
Carcere iluminado e resgatado!

Beijos, rosas florindo a carne alvente,  
Corpos, jardins reais...  
Labios, labios dizendo uma oração ardente  
Orações, roseirae!...

Genesiáco amor... Hortos floridos,  
Asas, polen voando!...  
— Olha os cravos de sangue esmaecidos,  
E os lírios desmaiando!...

Olha a terra sedenta á espera de agua...  
E a agua vem... E a terra ardente, a esteril frágua,  
Ei-las vivas em flôr!

Olha a tristeza morta das donzelas,  
Rosas perdendo a côr,  
Vendo passar, voar as horas belas,  
Vendo passar o amor,  
E sem poisar o olhar doirado nelas!...

— Amar alguém, amar! —  
Amar alguém!... O amor sereno e forte  
Que se dá por se dar... Posses de gêlo,  
Beijos de neve e morte!...

E as bem amadas, imortaes amantes,  
Patria, Futuro, — ó sonho ausente e belo! —  
Ó Liberdade eterna! Humanidade!

Eras de perfeição!

E as searas doiradas e distantes  
De Beleza e fartura e de bondade,  
Que a toda a fome um dia ham de dar pão!

Amor que é dom, amor que renuncia,  
E que á Morte sorri numa ousadia,  
De igual a igual...

Ó cavaleiros pálidos, calados,  
De olhos no ceu, posséssos, dominados  
Do eterno Ideal!

Vidas humildes que se dão sem dizer nada,  
Soes que se desconhecem,  
Na romaria imensa e ignorada!

O Amor á terra que a semeia e rega  
De sangue e suor,  
Para que a Vida tenha o pão que se lhes nega!...

E porque a Dôr as bem regou as searas crescem,  
— Para os outros, — melhor!

Ó corpo moço atravessado por dez balas,  
Voz que expirou saudando  
A liberdade e o ceu!

Mortes de Amor assim quem pudéra cantá-las!  
—A gloria é noiva... A Morte é noiva... E foi lutando,  
Que o Amor noivou, viveu!...

Noivos da Morte heroica! Vida plena,  
Oceano a transbordar!  
Maré cheia de Amor que sómente serena  
Pr'a melhor se entregar!...

E foi um que morreu a sorrir, combatendo,  
E um outro a abençoar...  
E as palavras de Amor que se dizem morrendo,  
Para a morte as gravar!

Amar alguém... Amar...

Amor de noiva que é já mãe... terra florida,  
Que se ergue aos ceus...  
Ó sacrificio, ó maravilha, ó flor de Vida,  
—Mãe,— presença de Deus!

E olha este berço pequenino, alvinitente,  
Tal como um lírio a abrir...  
E um anjo velando ao pé do berço alvente  
Extasiado, a sorrir...  
Vai a brisa passar, passa tam de mansinho,  
Mal se sente passar...  
A noite vem e a sombra cái devagarinho  
Para não o acordar!

E o luar nasce e vem, asa que aérea esvoaça,  
    Mal roça o ar,  
Vêr o Anjo dormir, extasiado de graça,  
    E vêr a Mãe velar...  
Amar, Amar, Amar!...

1914.

## CARTA DA AUSENCIA FLORIDA

TAM longe! E o amor reduz toda a distancia,  
O ceu de Portugal chega até mim,  
E o aroma dos lirios, e a fragrancia  
Da tua alma em flôr como um jardim!...

Esta manhã o Sol era mais de oiro,  
Mais puro o azul do ceu como um luar...  
E o sol lembrava o nosso filho loiro,  
E o puro azul lembrava o teu olhar...

Hontem a mágua esteve á minha porta,  
Chamou por mim... Hoje porem, cedinho,  
Essa mágua de ausente era já morta,  
Só era vivo e alto o meu carinho...

O amor é um lago azul, divino lago! . . .  
—Nel' me banhei . . . E o amor, o nosso amor,  
Em tudo o respirei, perfume, afago,  
Delicias, beijos, extase, esplendor . . .

Eras tu a manhã perfeita e bela,  
O ceu de luar, o Sol, toda a emoção!  
A minha vida—tu cantavas nela,  
O nosso Amor alava-se em canção! . . .

Resei, cantei, chorei talvez . . . O pranto  
Era dos beijos mortos por se dar,  
Meus beijos rubros, puros, num encanto,  
E saudosos, Amor, de te beijar! . . .

No deslumbrado e célico delirio  
A propria morte me sorriu . . . E eu vi  
A tua dôr de mãe beijando um lirio,  
E um anjo morto renascer em ti!

E aquela que descansa e o sono véla  
Do nosso filho morto,—por meu bem  
A vi sorrir,—lindo sorriso o dela!—  
Dalém da campa, como fosse Mãe! . . .

Doce ilusão da morte! Debruçada  
Sobre o bercinho alvente e sepulcral,  
Vejo-a sorrir, sorrir toda encantada  
De formosura e graça maternal!...

«Ó minha irmã, não chores... — Sereninha...  
«O teu menino dorme ao pé de mim...  
«Tomo-o no côlo, que alegria a minha!  
«—A morte é linda quando a morte é assim!...

«Vá, minha irmã, não chores!... Minha gente,  
«Gente do meu amor,—p'ra quê chorar?...  
«Ha um regresso para todo o ausente,  
«E quem partiu um dia hade voltar...

«Ó minha mãe, que engano essa amargura!  
«Sê sereninha e calma, pobre mãe...  
«Eu tenho um lar tambem na sepultura,  
«A morte deu-me um filho a mim tambem!

\*

Até a morte, meu amor,—a ausencia  
Do regresso além vida!... Em tudo o Amor  
Poz um pouco de sol e transparencia,  
E de consolo junto á maior dôr...

Fui o sorriso-lagrima, a alegria  
Que chora e canta, o pranto que sorri! . . .  
Por ti a ausencia teve esta aleluia,  
Por ti, por Deus, ó meu amor por ti!

Os corações de amor sam adivinhos.  
As tuas cartas ei-las, — coração!  
—Alegrai-vos, ó meus dias sósinhos,  
—Faz-te mais bela ó minha solidão!

E leio . . . A minha alma entende a tua . . .  
—Ó saudade sem fim, fonte a brotar!  
E o rio cresce e vai, e alarga e estua,  
E já tem ondas . . . A saudade, um mar!

Toda a ternura, toda a graça toda  
A formosura de alma, — todo o ceu,  
Noivam, florescem hoje, á minha roda,  
E tudo o que me cerca alvoreceu! . .

Toda a Beleza, toda a alma, e a graça  
Que fez de mim Poeta e me sagrou,  
Tudo, num canto, ao nosso Amor se enlaça,  
Tudo sorriu, beijou, rezou, cantou!

A Vida, a Morte, o Mundo, o Sol doirado,  
Esta saudade que ilimita os ceus,  
Este sofrer de ausente iluminado,  
Esta oração que eu ergo, os versos meus ;

Tudo o que é belo e sonha, e é puro e canta  
Tudo o que é forte, e luta e é vencedor,  
Tudo em mim num triunfo, se levanta  
Réza, chóra, sorri, por teu Amor !

Rodésia Ingleza 1914.



## CANÇÃO

CARTAS... Saudades sem fim...  
Coração,  
Não ficas junto de mim,  
Vais tambem quando elas vão...

Vais sobre o mar até Ela,  
Sobre o Mar...  
Ah! não te afogues, cautela!  
Não te afogues, coração!...

Que antes do Mar, do Mar largo  
Que tu vais atravessar,  
Ha um outro mar de agua amargo,  
Nos meus olhos, outro mar!...

Cartas de Ausencia e Saudade,  
Meu Amor,  
Levam e dão claridade...

Navio que as vais levar  
Por sobre as ondas em flôr,  
Se tu pudesses voar...

Ondas,—levai-o na graça  
Do Senhor,  
Tal uma nuvem que passa  
Á terra do meu Amor!...

Coração, fico sósinho,  
Deixas-me só, coração,  
Levas todo o meu carinho,  
Toda a minha devoção...

Ó coração vai depressa,  
Não te amóres, coração...

E bate á porta, mansinho,  
Do meu lar.  
Chegas tu, chega—adivinho,—  
O Sol brilhante e o luar...

A que eu amo, á tua espera,  
Virá mal te ouça bater.  
Ó coração, quem me dera  
Ir contigo para a vêr!...

É em vez de ti alguém hade  
Vir p'ra mim...  
Cheio da mesma ansiedade,  
Mesmas saudades sem fim...

Ondas do Mar, ondas mansas,  
Ventos do Mar!  
—Quem ama é como as creanças,  
Não me faças esperar!...

Ó Barcos de Inglaterra  
Que vêdes a minha terra  
E passaes no Mar deante  
Do Gigante Adamastor!

Tráze, ó frota navegante,  
As cartas do meu Amor!...  
Ondas do Mar, ondas mansas,  
Ventos do Mar!...



AMEN

A MOR de mãe que nasce além da vida,  
Cego Amor, devoção, prece, loucura,  
Mal um beijo floresce em creatura  
E o Amor já é uma oração erguida!

Amor feito de ceu e de amargura  
Geito de acarinhar, ancia perdida,  
Graça do ceu em dores convertida,  
Dores do parto vivas em termura...

O ceu na alma, a vida ajoelhada,  
Dôce figura alvente debruçada  
Sobre outra vida, pela vida além...

Ó meu Amor! ás vezes creio (e temo  
Magoar os ceus e as mães, sendo blasfêmo)  
— Que te quero ainda mais que tua Mãe!

AMEN



INDICE



	Pags.
Primavera de Deus . . . . .	9
Joconda . . . . .	15
Lagos ao luar. . . . .	17
Da vida gloriosa . . . . .	18
Quando as flôres voltam . . . . .	19
Meu lar . . . . .	27
Noite alta. . . . .	28
Flôr de misterio . . . . .	29
Oceano-amor. . . . .	33
Soneto . . . . .	34
Versos para minha mãe . . . . .	35
A Canção da noitinha . . . . .	41
Lágrimas . . . . .	43
Berço do amor . . . . .	45
Tentação do mar . . . . .	46
Amor de Deus . . . . .	47
Voz das lagrimas . . . . .	55
Piedade . . . . .	56
Soneto . . . . .	57
Soneto . . . . .	58

	Pags.
Velando . . . . .	59
Lar . . . . .	61
Versos da minha Ventura . . . . .	63
Canção . . . . .	69
Versos do meu Infante . . . . .	71
Senhora do Crepusculo . . . . .	75
O Elogio da infancia . . . . .	81
Sina da minha raça . . . . .	89
Versos do Mar Atlantico . . . . .	95
Versos da alma ausente . . . . .	101
Os sonetos da morte — Sonetos da hora que morreu	105
Para minha mãe e para meu filho . . . . .	115
Sonetos da ausencia . . . . .	125
Luar da ausencia. . . . .	130
Soneto . . . . .	131
Do primeiro regresso. . . . .	132
O meu Infante . . . . .	133
Como as fontes brotam . . . . .	135
Carta da ausencia florida. . . . .	141
Canção . . . . .	147
Amen. . . . .	151

BIBLIOTECA DA  
RENASCENÇA PORTUGUESA

ERRATA

Pag.	Linhas	Emenda		
22	1. <sup>a</sup>	sorrio	em vez de	sorrio
34	16. <sup>a</sup>	De me dar toda sem	»	de me dar toda, toda sem
49	3. <sup>a</sup>	presentir	»	pressentir
52	17. <sup>a</sup>	Cinge-me a ti num	»	cinge-me a ti um
13	13. <sup>a</sup>	p'ra	»	p'ara
31	2. <sup>a</sup>	um alto mar	»	num alto mar

Camilo Inédito — Prefacio e notas de *Vila-Moura* — 20 centavos.

Só — *Antonio Nobre* (3.<sup>a</sup> edição, esgotada).

A Morte — *Leonardo Coimbra* — 40 centavos.

A Teoria da Mutação — *Armando Cortesão* — 70 centavos.

Doentes da Beleza — *Vila-Moura* — 50 centavos.

Glória Humilde — *Jaime Cortesão* — 50 centavos.

Verbo Escuro — *Teixeira de Pascoaes* — 50 centavos.

À Catalunha — *Augusto Casimiro* — 20 centavos.

Miss Dolly — *Costa Macedo* — 10 centavos.

O Problema da Cultura — *Antonio Sergio* — 20 centavos.

## BIBLIOTECA DA RENASCENÇA PORTUGUESA

- A Águia (2.ª série)—Revista mensal — 10 centavos. Volumes I a VII — Cada, 60 centavos.
- A Vida Portuguesa — Boletim—1.º vol.—40 centavos.
- Regresso ao Paraíso — *Teixeira de Pascoaes*—50 centavos.
- A Evocação da Vida — *Augusto Casimiro*—40 centavos.
- Esta Historia é para os Anjos — *Jaime Cortesão*—10 centavos.
- O Espírito Lusitano — *Teixeira de Pascoaes*—10 centavos.
- A Sinfonia da Tarde — *Jaime Cortesão*—10 centavos.
- O Criacionismo — *Leonardo Coimbra*—80 centavos.
- Romarias — *A. Correia d'Oliveira*—10 centavos.
- A Educação dos povos peninsulares — *Ribera y Rovira* — 10 centavos.
- A Primeira Nau — *Augusto Casimiro* — 10 centavos.
- Cintra — *Mário Beirão* — 10 centavos.
- O Doido e a Morte — *Teixeira de Pascoaes*—20 centavos.
- . . . Daquem e dalem Morte — (Contos com ilustrações de Cervantes de Haro e Cristiano de Carvalho) — *Jaime Cortesão* — 60 centavos.
- O Último Lusíada — *Mário Beirão* — 50 centavos.
- O Génio portuguez na sua expressão poética, filosófica e religiosa — *Teixeira de Pascoaes* — 20 centavos.
- Elegias — *Teixeira de Pascoaes*—30 centavos.
- Camilo Inédito — Prefácio e notações de *Vila-Moura*—50 centavos.
- Só — *Antonio Nobre* (3.ª edição, esgotada).
- A Morte — *Leonardo Coimbra* — 40 centavos.
- A Teoria da Mutação — *Armando Cortesão*—70 centavos.
- Doentes da Beleza — *Vila-Moura* — 50 centavos.
- Glória Humilde — *Jaime Cortesão* — 50 centavos.
- Verbo Escuro — *Teixeira de Pascoaes* — 50 centavos.
- À Catalunha — *Augusto Casimiro* — 20 centavos.
- Miss Dolly — *Costa Macedo* — 10 centavos.
- O Problema da Cultura — *António Sergio* — 20 centavos.

- A Era Lusitana — *Teixeira de Pascoaes* — 20 centavos.  
 Cancioneiro Popular — *Jaime Cortesão* — 40 centavos.  
 A Saudade Portuguesa — *Carolina Micaelis de Vasconcelos* —  
 50 centavos.  
 Literatura Nacional — *Alfredo Coelho de Magalhães* — 20  
 centavos.  
 Cantigas do Povo para as Escolas — 20 centavos.  
 O Génio Peninsular — *Ribera y Rovira* — 20 centavos.  
 Contos de Madame d'Aulnoy — 20 centavos.  
 Contos de Shakespeare — 1.º e 2.º vol. 40 centavos.  
 Ankises — *Carlos Maul* — 10 centavos.  
 Crónica de D. Duarte, de Rui de Pina — *Alfredo Coelho de  
 Magalhães* — 40 centavos.  
 Trigonometria Plana — *Augusto Martins* — 1 escudo,  
 Bohemios — *Visconde de Vila-Moura* — 50 centavos.  
 O Navio dos Brinquedos — *António Sérgio* — 20 centavos.  
 As Aventuras de Telémaco — 1.º vol. — 40 centavos.  
 Tristão o Enamorado — Coordenação e prefácio de *Teófilo  
 Braga* — 40 centavos.  
 A Grei — *Ezequiel de Campos* — 80 centavos.  
 Educação Cívica — *António Sérgio* — 50 centavos.  
 Sempre (3.ª edição) — *Teixeira de Pascoaes* — 50 centavos.  
 Camadas Infimas — *Oldemiro Cesar* — 50 centavos.  
 A Esmeralda de Nero — *Carlos Parreira* — 60 centavos.  
 O Pensamento Criacionista — *Leonardo Coimbra* — 60 centavos.  
 Ausente — *Mário Beirão* — 50 centavos.  
 Bemaventurados os que choram... — *Simões de Castro* — 50  
 centavos.  
 Arte de ser português — *Teixeira de Pascoaes* — 40 centavos.  
 Fumo — *Rodrigo Solano*, prefácio de *João Grave* — 60 centavos.  
 Antonio Nobre — *Visconde de Vila-Moura*, 23 ilustrações —  
 70 centavos.  
 O Metodo Montessori — *Luisa Sergio* — 40 centavos.  
 Historia do Cerco do Porto — *Raul Brandão* — (No prelo).  
 Mina de Barnehlm — (No prelo).  
 Humildes — *Visconde de Villa-Moura* — (No prelo).  
 Humus — *Raul Brandão* — (No prelo).  
 Nova Teoria do Sacrificio — *José Teixeira Rego* (No prelo).

ACABOU DE SE IMPRIMIR  
NA TIPOGRAFIA DA « RENASCENÇA PORTUGUESA »  
R. MÁRTIRES DA LIBERDADE, 178, PORTO,  
AOS 30 DE OUTUBRO DE 1915.







PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

---

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

---

PQ  
9261  
C297P7

Casimiro, Augusto  
Primavera de Deus

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C  
39 10 06 02 14 019 9